Índice

Prólogo	9
O Rio	12
O Fogo	19
A Queda	58
A Discussão	122
A Tempestade	214
A Corda	272
Epílogo	296
Notas de Tradução	301

Para Victoria Rose, amiga e incentivadora

Prólogo

Da última vez que regressei a casa, perdi um braço. O braço esquerdo.

Perdi igualmente um ano de vida, ou à volta disso, bem como grande parte do meu conforto e segurança, aos quais só comecei a dar valor quando deixei de os ter. Quando a polícia libertou o Kevin, ele veio ter ao hospital e ficou comigo, para eu ter a certeza de que não o tinha perdido também.

Contudo, antes de o Kevin poder vir, tive de convencer a polícia de que ele não devia estar na prisão. Ainda demorou. Os agentes eram sombras que apareciam intermitentemente ao lado da mesinha de cabeceira, para fazer perguntas que eu só a custo compreendia.

"O que lhe aconteceu ao braço?", perguntaram. "Quem lhe fez isso?" A palavra que usaram — acontecer — chamou-me a atenção. Era como se aquilo não passasse de um arranhão. Não lhes terá ocorrido que eu sabia que o braço já não estava ali?

"Acidente", ouvi-me sussurrar. "Foi um acidente."

Começaram a fazer perguntas sobre o Kevin. A princípio, pareceu-me que as palavras se confundiam umas com as outras, e pouca atenção prestei. Passado algum tempo, no entanto, quando as recapitulei, percebi de repente que estes homens queriam atirar para o Kevin as culpas pelo que tinha "acontecido" ao braço.

"Não." Abanei debilmente a cabeça, sem a levantar da almofada. "Não foi o Kevin. Ele está aqui? Posso falar com ele?"

"Então quem foi?", insistiram.

Tentei pensar através da medicação, através da dor distante, mas não arranjei uma explicação sincera para lhes apresentar — nada em que pudessem acreditar.

"Foi um acidente", repeti. "A culpa foi minha, não do Kevin. Por favor, deixem-me falar com ele."

Repeti e voltei a repetir, até os vultos vagos dos agentes me deixarem em paz, até, ao acordar, encontrar o Kevin sentado, a dormitar ao lado da cama. Durante uns momentos, perguntei-me há quanto tempo ele estaria ali, mas não importava. O importante era que estivesse. Voltei a adormecer, aliviada.

Finalmente, acordei a sentir-me capaz de falar coerentemente com ele e de compreender as suas respostas. Sentia-me quase confortável, a não ser pelo estranho latejar no braço. Ou no sítio onde estivera o braço. Mexi a cabeça, tentei olhar para o espaço vazio… o coto.

Então o Kevin apareceu a pairar por cima de mim, com as mãos na minha cara, que me viraram a cabeça para ele.

Ele não disse nada. Após um momento, voltou a sentar-se, deu-me a mão e ficou assim.

Senti-me capaz de levantar a outra mão para lhe tocar. Senti que tinha outra mão. Voltei a tentar olhar e, desta vez, ele deixou. Por algum motivo, eu tinha necessidade de ver, para aceitar o que já sabia.

Passado um momento, recostei-me na almofada e fechei os olhos. "Acima do cotovelo", comentei.

"Teve de ser."

"Eu sei. Estou só a tentar habituar-me." Abri os olhos e encarei-o. Depois lembrei-me dos visitantes anteriores. "Meti-te em sarilhos?"

"A mim?"

"A polícia esteve aqui. Os agentes achavam que tinhas sido tu a fazer-me isto."

"Ah, isso. Eram ajudantes do xerife. Os vizinhos chamaram-nos quando ouviram os teus gritos. Interrogaram-me, detiveram-me durante algum tempo — como eles dizem! —, mas tu convenceste-os de que mais valia soltarem-me."

"Ainda bem. Disse que tinha sido um acidente. Por minha culpa."

"É impossível que uma coisa destas seja culpa tua."

"É discutível. Culpa tua é que de certeza não foi. Vão continuar a chatear-te?"

"Não me parece. Têm a certeza de que fui eu, mas não há testemunhas e tu não vais colaborar. Além disso, não me parece que possam descobrir como eu teria feito uma coisa assim… de que modo podia ter acontecido."

Voltei a fechar os olhos, recordando como acontecera — recordando a dor.

"Estás bem?", perguntou o Kevin.

"Estou. Conta-me o que disseste à polícia."

"A verdade." Durante um momento, brincou com a minha mão, em silêncio. Olhei para ele, vi que me observava.

"Se tivesses contado a verdade", comentei baixinho, "ainda estarias detido — num hospital psiquiátrico."

Ele sorriu. "Contei toda a verdade que pude. Disse que estava no quarto quando te ouvi gritar. Corri para a sala, para ver o que se passava, e vi-te a tentares libertar o braço do que parecia um buraco na parede. Fui ajudar. Nessa altura, percebi que o braço não estava só preso, mas também, vá-se lá saber como, esmagado dentro da parede."

"Não exatamente esmagado."

"Eu sei. Mas pareceu-me uma boa palavra para usar com eles — para mostrar a minha ignorância. Além de que não estava muito longe da verdade. Então pediram-me para explicar como uma coisa assim podia ter acontecido. Respondi que não sabia… continuei a insistir que não sabia. E, valha-me Deus, Dana, não sei."

"Eu também não", sussurrei. "Eu também não."

O Rio

O problema começou muito antes de 9 de junho de 1976, a data em que tomei consciência dele, mas 9 de junho é o dia que recordo. Fazia vinte e seis anos. Também foi neste dia que conheci o Rufus — foi neste dia que ele me chamou pela primeira vez.

O Kevin e eu não tínhamos planeado nada para o meu aniversário. Andávamos ambos demasiado cansados. No dia anterior, tínhamo-nos mudado do nosso apartamento em Los Angeles para uma casa própria, a uns quilómetros de distância, em Altadena. Para mim, a mudança já tinha sido celebração suficiente. Ainda estávamos a arrumar as coisas — ou melhor, eu estava. O Kevin parara depois de montar o seu escritório. Nesse momento, estava lá fechado, ou sem fazer nada, ou a pensar, porque eu não ouvia a máquina de escrever. Entretanto, lá acabou por aparecer na sala, onde eu organizava os livros numa das estantes grandes. Só ficção. Tínhamos tantos livros, que era preciso impor alguma organização.

"Qual é o problema?", perguntei.

"Nenhum." Sentou-se no chão, perto do sítio onde eu arrumava. "Estava só a debater-me com a minha própria perversidade. Sabes, ontem, durante a mudança, tive meia dúzia de ideias para o tal conto de Natal."

"E nenhuma agora, quando tens tempo para escrever."

"Nem uma." Pegou num livro, abriu-o, folheou-o. Eu peguei noutro e dei-lhe uma pancadinha no ombro com ele. Quando levantou a cabeça, surpreendido, pousei uma pilha de livros de não-ficção à sua frente. Ele ficou a olhar, com ar infeliz.

"Raios, porque vim para aqui?"

"Para teres mais ideias. Pelos vistos, ocorrem-te quando estás ocupado."

Lançou-me um olhar que eu sabia que não era tão malevolente como pareceu. Tinha uns olhos pálidos, quase sem cor, que o faziam parecer distante e zangado quer estivesse, quer não. Usava-os para intimidar as pessoas. Os desconhecidos. Fiz um grande sorriso e voltei ao que estava a fazer. Após um momento, ele levou os volumes de não-ficção para outra estante e começou a arrumá-los.

Curvei-me para empurrar outra caixa cheia para ele, mas endireitei-me logo, por sentir tonturas e náuseas. Tive a sensação de que a sala se turvava e escurecia em meu redor. Fiquei de pé durante um momento, apoiando-me numa estante, sem perceber o que se passava, mas acabei por cair de joelhos. Ouvi uma exclamação de surpresa do Kevin, sem palavras, ouvi-o perguntar: "Que se passou?"

Levantei a cabeça e percebi que não o via nitidamente. "Estou com algum problema", arquejei.

Ouvi-o aproximar-se, vi um borrão de calças cinzentas e camisa azul. Então, mesmo antes de me tocar, ele desapareceu.

A casa, os livros, desapareceu tudo. De repente, dei por mim no exterior, ajoelhada no chão, sob as árvores. Estava num espaço verde. Era a orla de um bosque. À minha frente, tinha um rio amplo e tranquilo, perto do meio do rio uma criança debatia-se na água, gritava…

Ia afogar-se!

Reagi à criança em apuros. Podia fazer perguntas mais tarde, tentar perceber onde estava, o que acontecera. Neste momento, tinha de ajudar o menino.

Corri para o rio, entrei pela água dentro, totalmente vestida, e nadei rapidamente até ele. O menino estava inconsciente quando o alcancei — um rapazinho ruivo a boiar, com a cara para baixo. Virei-o, segurei-o bem, para lhe manter a cabeça acima da água, e arrastei-o para a margem. Vi uma mulher ruiva, à nossa espera, em terra. Ou melhor, correndo de um lado para o outro, a chorar, na margem. No momento em que percebeu que eu já tinha pé, correu para mim, tirou-me o rapaz dos braços e transportou-o para terra, tocando-lhe e examinando-o.